



**Universidade Agostinho Neto
Faculdade de Letras**

**ALONGAMENTO VOCÁLICO VERSUS ALONGAMENTO SILÁBICO
EM IWOYO**

Por AMÉLIA ARLETE MINGAS

Trabalho de Candidatura a Professora Titular

**Candidata: Professora Doutora Amélia Arlete Dias Rodrigues
Mingas, Professora Associada**

LUANDA, Abril de 2011

Índice

| | |
|---|----|
| Introdução | 3 |
| O iwoyo no quadro geolinguístico de Angola e de Cabinda | 5 |
| A – Coordenadas geolinguísticas de Angola | 5 |
| B – Cabinda e os seus habitantes | 8 |
| i.- Coordenadas geográficas | 8 |
| ii.- População, Línguas e Grupos Etnolinguísticos | 11 |
| iii.- Os Bawoyo | 12 |
| C – O iwoyo: coordenadas geolinguísticas, denominação e classificação | 15 |
| i.- Sons vocálicos e consonânticos do Iwoyo | 20 |
| ii.- Harmonização vocálica e consonântica | 26 |
| iii.- Os tons | 25 |
| Regras tonais | 26 |
| E – Alongamento vocálico versus alongamento silábico | 30 |
| BIBLIOGRAFIA | 34 |

Resumo

Uma das questões pertinentes e centrais caracterizando o estudo e descrição de um grupo de Falares angolanos, integrando um dos subgrupos das línguas bantu, prende-se com a clarificação relativamente à existência, nesses Falares, de alongamento vocálico com função distintiva.

Neste trabalho, permitimo-nos avançar a premissa da não existência desse tipo de alongamento ao nível segmental mas, tão-somente a presença, isso sim, de uma oposição a nível supra-segmental entre vogais que se realizam com uma alongamento ligeiro, enquanto suportes de um “tom baixo”. Quer isto dizer que, a realização de uma vogal breve, quando suporte de um tom baixo, é materializada, foneticamente, com um alongamento ligeiro, o que levou a muitos investigadores a interpretarem o fenómeno como verificando-se ao nível segmental, pelo que reflectem essa posição usando uma ortografia incorrecta.

Palavras-chave: *Kikongo, línguas kongo, segmental, alofone, alotone, morfe, supra-segmental, vogal longa, vogal breve, nominal, verbal, sílaba breve, sílaba longa.*

SÍMBOLOS

| | |
|--------|------------|
| Son. | Sonoras |
| Cont. | Contínuas |
| Alv. | Alveolares |
| Palat. | Palatal |
| Vel. | Velares |

INTRODUÇÃO

A situação plurilingue e, por conseguinte, pluricultural que qualifica o nosso país, força-nos a ultrapassar os limites que nos são impostos pela variedade linguística existente, se quisermos fazer a descrição de uma das línguas presentes, no caso em estudo, o iwoyo.

A materialização deste objectivo pressupõe que repensemos, definamos, elaborem e seleccionemos estratégias que potenciem o estudo, recolha e promoção das nossas línguas e culturas. Para tal, ser-nos-á necessário fomentar e consolidar capacidades e habilidades adequadas ao garante de uma oferta significativa e qualitativa de quadros, particularmente para o mercado de trabalho nacional.

Temos a convicção de que essa oferta é de importância crucial se tivermos como objectivo final a criação de condições para o aparecimento de capacidades conceptuais coerentes e integradoras no seio da nossa sociedade.

Estas estratégias deverão basear-se no reforço de uma tomada de consciência geral da multiplicidade identitária que nos é própria, direccionando-a para acções solidárias tendo em vista o intercâmbio cidade-campo ou, tão simplesmente, zona urbana, zonas peri-urbana e rural, porquanto todas as forças vivas e actantes da Nação devem ser chamadas para colaborarem, visando o alargamento do leque de intervenientes.

É neste âmbito que surge o presente trabalho, que tem por objecto a apresentação do estudo de uma particularidade do iwoyo, visando a nossa candidatura a Professora Titular da Universidade Agostinho Neto. O nosso trabalho consubstancia a análise do fenómeno de alongamento que

especializa um grupo de línguas, caracterizadas por uma unidade marcante de traços linguísticos.

Esta constatação leva-nos a admitir estarmos perante um exemplo incontornável de que, na unidade que caracteriza as línguas bantu, o alongamento que foi tema da nossa investigação, constitui uma prova do que de único existe nessas línguas, pese embora a sua notória diversidade.

No decorrer da nossa formação, tivemos a possibilidade de termos podido estudar uma das línguas bantu falada em Cabinda, nomeadamente o iwoyo. Esta língua não foi nunca, objecto de qualquer descrição linguística, embora pertença a uma subfamília geográfica e demograficamente importante, sobretudo no plano histórico, o kikongo, língua cujos primeiros trabalhos remontam ao século XVII.

A língua kikongo e as suas diversas variantes (donde o iwoyo), que designaremos como "línguas kongo"¹, ao longo do nosso trabalho, estão ligadas ao reino do mesmo nome e, por consequência, também ligadas aos primeiros contactos sociais, linguísticos e culturais entre Europeus e Africanos, na região austral africana.

De salientar que, segundo o que dados históricos e informações colhidas juntos de informantes nossos revelam, foi a uma parte da família real congoleza, instalada em Cabinda, por voltas do século XVI, que se deve a criação do reino do Ngoyo.

¹ Adoptámos de empréstimo esta designação, utilizada pela primeira vez por François Lumwamu

A - O Iwoyo no quadro geolinguístico de Angola e de Cabinda

a) Coordenadas geolinguísticas de Angola

A República de Angola situa-se na região da África austral. Tem uma superfície de 1.246.700 (um milhão duzentos e quarenta e seis mil e setecentos) quilómetros e uma fronteira de 4. 837 (oito mil oitocentos e trinta e sete) quilómetros. Tem como limites ao Norte as Repúblicas do Congo e Democrática do Congo; à Leste pelas Repúblicas do Congo e Democrática do Congo e da Zâmbia. A Oeste, ele abre-se para o Oceano Atlântico.

Do ponto de vista administrativo, Angola divide-se em dezoito províncias, nomeadamente: Cabinda, Zaire, Uíje, Bengo, Luanda (a capital), Malanje, Kwanza Norte, Lunda Norte e Lunda Sul, Moxico, Bié, Kwanza Sul, Benguela, Huambo, Huila, Cunene, Kwando-Kubango e Namibe. O trabalho, aqui apresentado, refere-se à província de Cabinda.

No que respeita à situação geolinguística e histórica, a República de Angola tem como relevantes os factos seguintes:

- 1 - É o segundo país de língua oficial portuguesa na região em que se integra e, por tal motivo, faz a transição entre a África central, de língua oficial francesa e a África austral, de língua oficial inglesa;
- 2 - É um país plurilingue, pelo que nele encontramos línguas

estruturalmente diferenciadas, a saber, línguas africanas bantu, faladas pela maioria esmagadora dos Angolanos.

3 - No plano histórico, a este país se referem os trabalhos mais antigos relativos às línguas africanas;

4 - O país enfrentou durante mais de trinta anos, um contacto excepcional entre as línguas e culturas locais, advindo da situação de guerra ante e pós-independência, devido à deslocação massiva das populações rurais.



Fig. 1 Localização de Angola na Região Austral Africana

É necessário salientar que as línguas africanas locais pertencem a dois grupos distintos de famílias, devido por um lado, à sua tipologia e, por outro lado, à identidade étnica dos seus locutores; elas são, nomeadamente as línguas bantu e as línguas não bantu, integrantes do grupo etnolinguístico Khoi-San.

B - Cabinda e os seus habitantes

i.- Coordenadas geográficas

A província de Cabinda é a mais setentrional do país. Situa-se a 5º 31' 32" de latitude sul e 12º 10' de longitude este. Encaixada entre a República do Congo e a do Congo Democrático, Cabinda partilha com essas duas Repúblicas as fronteiras Norte, Este e Sul. A oeste, ele tem como limite o Oceano Atlântico.

No contexto geográfico angolano, esta província constitui um caso específico na medida em que ela não tem nenhuma fronteira comum com o resto do país porquanto, como acabámos de referir, Cabinda está encravada entre dois países estrangeiros. Importa salientar que, no que respeita a situação económica, esta província tem uma importância extrema na medida em que nela existe uma das maiores reservas petrolíferas de Angola. Ela ocupa uma superfície de 3.900 km² (três mil e novecentos) quilómetros quadrados e possui cerca de quatrocentos mil habitantes.

Considerando a sua origem, a província de Cabinda reúne em si, os descendentes dos antigos reinos de Ngoyo, Kakongo e Loango. Como podemos verificar no mapa abaixo apresentado, Cabinda foi parte integrante do Reino do Congo cuja capital, Mbanza Kongo - hoje Banza

Congo, devido ao fenómeno de aportuguesamento porque o complexo consonântico /mb/ não inexistia em português - se encontrava na região setentrional de Angola.

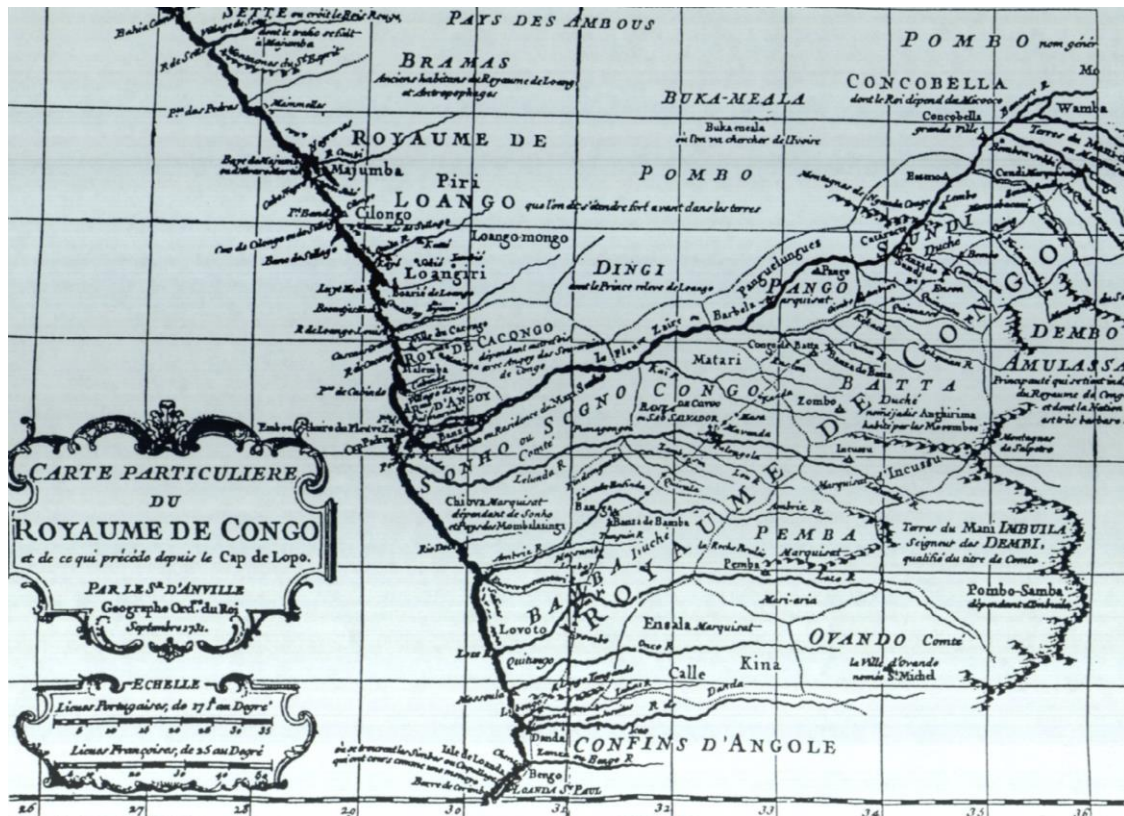


Fig. 2 Mapa do Reino do Congo em 1731

Esta circunstância prova-nos que o Povo cabindense advém da coexistência de diferentes grupos socioculturais que foram, ao longo de vários séculos, aprendendo a viver em conjunto como se de um só Povo se tratasse.

No contexto geográfico angolano, esta província constitui um caso específico na medida em que ela não tem nenhuma fronteira comum com o resto do país porquanto, como acabámos de referir, Cabinda está encravada entre dois países estrangeiros.

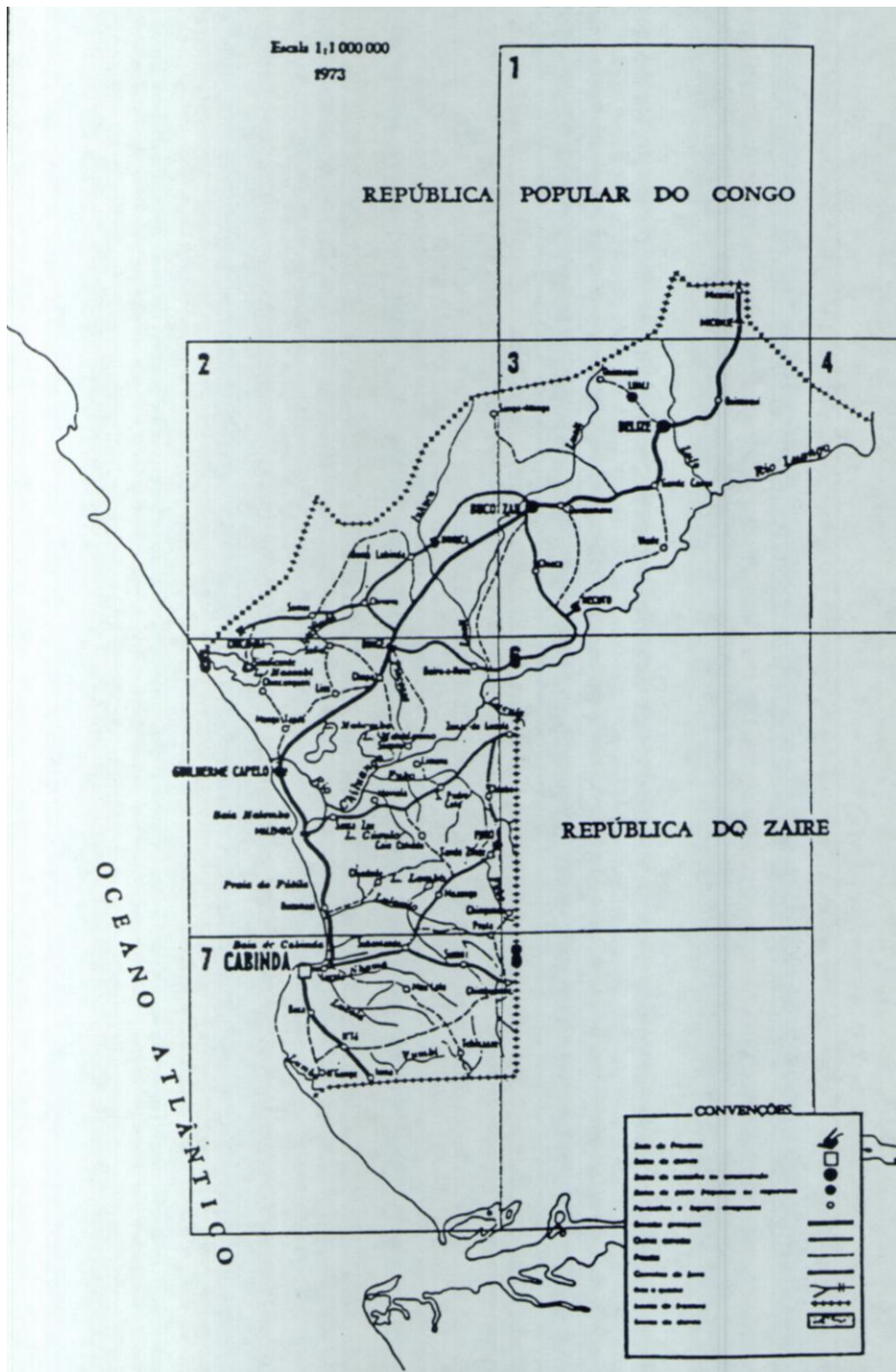


Fig. 2 Limites geográficos da província de Cabinda

Mercê das várias desavenças e lutas entre os países interessados em dominar o território cabindense e de diversos acordos entre as potências europeias da época, os limites de Cabinda foram redimensionados, e definitivamente marcados. Em consequência, o

espaço territorial actual, englobando os antigos reinos de Ngoyo, Kakongo e Loango, apresenta as delimitações constantes do mapa apresentado.

ii: Origem da sua população, línguas e grupos etnolinguísticos

No que respeita à população de Cabinda, ela reúne em si, os descendentes dos antigos reinos de Ngoyo, Kakongo e Loango. A cultura dos campos era confiada às mulheres. Os homens assumiam todas as outras tarefas. Entretanto, a construção das habitações, era da responsabilidade dos homens e das mulheres.

Relativamente à origem dos Povo habitando esses Reinos, R. Lethur (Théophile Obenga, 1969: p. 323-348) apresenta a versão que se segue: "... segundo a tradição, os Bavili, seriam originários de um país longínquo, do centro de África. Uma mulher chamada N'Gounou teve quatro filhos: Monteke, Moukongo, Mooyo, Movili ... Destes quatro irmãos surgiram os povos que se chamaram segundo os seus fundadores: os Bateke, os Bakongo, os Bawoyo, os Bavili".

Esta tradição refere-se muito provavelmente às emigrações dos povos bantu. Pode-se daí inferir que o reino de Ngoyo era, no início, tão independente como o do Congo. A diferença era, ao que parece, que o grupo que se estabeleceu na região de Mbanza Kongo era o mais numeroso, donde a sua tentativa de reunir sob uma mesma direcção, todos os povos tendo uma origem comum.

Não existe nenhum dado relativo à data efectiva da fundação dos reinos de Ngoyo, Kakongo e Loango. Entretanto, os historiadores pensam que ela é anterior a 1845. Segundo a tradição popular, recontada por diversos autores que se interessaram por esses reinos, existem muitas versões ligadas à sua formação (José Domingos Franque, 1940:17).

Os Bawoyo são para nós muito importantes porquanto o iwoyo, língua que foi objecto de um estudo por nós realizado, é a sua língua materna.

D - O Reino do Ngoyo, os Bawoyo e a língua iwoyo

i.- O Reino do Ngoyo

O Reino do Ngoyo era habitado pelos Bawoyo. Diz a tradição que foi formado pela princesa Muam Poenha (D. José Franque, idem:16-17), expulsa do reino do Kongo, pelo rei seu pai. Uma vez chegada a Ngoyo, casou com um dos nobres da região. Após o seu casamento, o rei ofereceu-lhe esta parte do seu território.

A dependência do Ngoyo ao reino do Kongo foi instaurada pelo governador do Soyo, ele próprio em luta contra a dominação real. É ele que, ao invadir o reino do Ngoyo, em 1631, o pôs sob a regência de um dos seus filhos. Um ramo da realeza do Soyo, a saber, o da dinastia dos Silva, reinou no Soyo pelo menos até finais do século XVII (Anne Hilton, 1985:115).

No que toca a desintegração de Ngoyo, parece que ela tenha começado, aproximadamente, no início do século XIX, devido à recusa dos nobres do reino de elegerem um novo rei (idem: 151). A rivalidade entre o rei e os seus colaboradores estaria na base do desaparecimento do reino do Ngoyo.

ii.- Os Bawoyo

Os Bawoyo englobavam no seu seio e ainda englobam, parcialmente, agricultores e artesãos. Eles dedicavam-se à caça, à pesca e à navegação (Phylis Martin, 1972). Os Bawoyo fabricavam tecidos em ráfia e pintavam-nos com belas cores. Socialmente, caracterizam-se por uma organização matrilinear. Assim, é sobre a Mãe que repousa a estrutura familiar. Por conseguinte, a herança é feita pelo lado materno.

Desenvolveram um meio de comunicação baseado na utilização de textos orais, de que os mais conhecidos são os proverbiais, desenhados e esculpidos em tampas de marmitas. Os símbolos relativos aos textos eram do conhecimento de toda a comunidade.

Para além da sua utilização culinária, as marmitas serviam de suporte dialógico nas relações muitas vezes conflituosas, entre marido e mulher. Os desenhos representavam provérbios que se referiam à situação. Os actuais habitantes do reino do Ngoyo são os descendentes dos habitantes do antigo reino de Ngoyo (Angoy, Angöi, segundo muitos autores)² e os dos reinos de Kakongo e Loango estiveram, desde o século XVII, sob o controlo do rei do Congo habitando capital do reino, a actual cidade de Banza Congo (Mbanza Kongo), em Angola.

ii.- A língua iwoyo: coordenadas geolinguísticas, denominação e classificação

a. Coordenadas geográficas

O iwoyo, como o seu nome indica, é a língua dos Bawoyo. Do ponto de vista linguístico, faz parte da subfamília bantu, o kikongo³. Numa perspectiva histórica, o kikongo era a língua falada pelos habitantes do

² Cf. Abbée Proyard, Histoire du royaume de Loango, Kakongo et autres royaumes d'Afrique, Paris, pag. 133

³ Cf. LAMAN Karl, 1936; GUTHIRE M. 1948, p. 84-86.

antigo reino do Kongo⁴. Segundo Laman⁵, o kikongo era uma língua central, a partir da qual se formaram todas as variantes existentes até aos dias.

Actualmente, o iwoyo é a língua materna de cerca de 80.000 (oitenta mil) locutores, na província de Cabinda. Por outro lado, é a mais praticada das línguas do grupo Kongo, existentes em Cabinda., porquanto é a língua falada na capital provincial, a cidade de Cabinda.

É importante contudo relevar que no exterior e também mais particularmente, entre os jovens da cidade, o iwoyo é frequentemente designado pelo termo "fiote". Esta denominação remonta à época colonial, em que todas as línguas africanas faladas na região nortenha de Angola, eram conhecidas pelo termo genérico "fiote" significando "negro".

Esta palavra existe na língua sob duas formas: a forma singular /'mfiote/⁶, "um homem negro/uma mulher negra" e a correspondente forma do plural, /bafiote/ "homens negros/mulheres negras". Contudo, é notório que a maioria dos Cabindenses não se revê neste termo e tem dificuldade em aceitar ser considerado como sendo locutor de "fiote". É que fiote, usado como termo genérico, se aplicado à língua significará, na realidade, "língua africana".

b. Denominação

Já a origem do termo "iwoyo", em que o prefixo /(c)i-/ o integra num grupo nominal específico, parece remontar a "Ngoyo" que, como o sublinham os historiadores C. Serrano⁷ e E. Campos⁸, vem de /ngó/ *leopardo* e de "óyò", *vida, força*, que juntos, formariam o sintagma

⁴ Cf. Karl Laman, 1936; BENTLEY H. W. M. 1948: 84-86;

⁵ Cf. LAMAN, K. E. op. cit. 1936

⁶ Cf. USSEL, R. P. 1888; VISSEQ, R. P. 1889; CARRIE, MG., 1890.

⁷ Cf. SERRANO, Carlos, São Paulo, Brasil

⁸ Cf. CAMPOS, E. pag. 30-37

nominal "ngoyo", *força de leopardo*, nome actual que designa a região onde viveu o Ma-Ngoyo, o "Rei de Ngoyo".

Os locutores cabindenses são maioritariamente bilingues pois todos falam, no mínimo, uma das línguas locais e a língua portuguesa. Entretanto, em Cabinda, depois do português, sublinhemo-lo, é o francês a língua estrangeira mais utilizada, tendo em conta o contacto permanente entre o povo cabindense e os povos das Repúblicas do Congo e Democrática do Congo.

De acordo com W. Welmers⁹, as línguas utilizadas pelos locutores cabindenses são: "... o kakongo (fiote), o mboka, o ndingi (ndinzi ou ngingi) e o kisi ma Ngoyo". Segundo M Guthrie (1948:84-86) as línguas faladas na província de Cabinda são: "... o mboka, o ndingi e o kakongo". Todavia, os nossos informantes declaram que as línguas utilizadas na província, num total de seis, são as que se seguem:

- | | |
|---------------------------------|------------------------------|
| a) - (k)ísundi [(k)íʃundi] | b) - (k)ílindzi [(k)íʎindzi] |
| c) - (k)íyombe [(k)íyombɛ] | d) - (k)íkoci [(k)íkɔʃi] |
| e) - (k)ikwákongo [(k)ikwákɔŋɔ] | f) - (k)íwoyo [(k)íwɔyɔ] |

No que concerne à língua *mboka* e, contrariamente ao afirmado por Welmers, eles sublinham que este termo significa "foz" e, provavelmente, refere-se à língua falada na região da foz do rio Chiloango, muito importante para o povo da região. Segundo a sua opinião, não existe nenhuma língua a que se possa designar "mboka", em Cabinda.

No que respeita ao "ikoci" afirmam ser uma variante do iwoyo, cuja designação vem do francês *cotier* "costa", onde se constata a palatização da dental /t/ seguida da vogal anterior /-i/, fenómeno muito frequente em

⁹ Cf. WELMERS. W, 1971

iwoyo. Esta posição é reforçada pelo facto de os Bakoci, locutores do ikoci, habitarem uma parte da zona litoral cabindense.

Quanto ao termo *kisi (ma)Ngoyo*, é de salientar que Mangoyo era o termo utilizado pelos Bawoyo para designar os seus dirigentes, nomeadamente os seus reis e/ou príncipes.

c. Classificação

Do ponto de vista da sua classificação, o iwoyo foi classificado por M. Guthrie, como pertencendo à zona H 16a. Esta classificação é adoptada por nós, embora reconheçamos que, hoje em dia, a classificação das línguas bantu feita por Guthrie é posta em dúvida. Não estamos contudo, capazes contribuir para o esclarecimento deste debate. Que nos seja, todavia permitido realçar que as línguas bantu angolanas foram objecto de várias classificações. Uma das mais antigas, a de C. M. Doke, remonta ao ano de 1945 (A. T. Cope, 1971). Doke distribuiu as línguas bantu em várias zonas. Nessa classificação, as línguas integravam três zonas: o kimbundu e o kikongo estavam na *Zona Congo*; na *Central Zone* estavam reunidos o cokwe, o lucazi, o luvale, o bunda e o mbwela. Na terceira zona, a *Westwern Zone* estavam o umbundu, o oxikwanyama, o helelo e o olunyaneka-nkumbi.

Em 1948, M. Guthrie (1948:84-86) apresentou uma outra classificação das línguas bantu, que repartia as línguas por zonas e atribuía uma letra a cada zona - em vez de um nome - e um número a cada uma das línguas integrando as diferentes zonas.

Em 1971, A. T. Cope (ibidem:235-36) apresentou uma nova classificação das línguas bantu, na qual ele tenta reunir as duas classificações anteriores. Esta decisão teve como resultado o

desaparecimento da *Congo Zone*, de Doke, com o aparecimento da *Western Zone* de Cope, à qual corresponde a zona K de Guthrie.

Finalmente, a *Western Zone* de Doke, torna-se a *South Western Zone* de Cope. Esta zona engloba as línguas angolanas da zona R de Guthrie. As línguas angolanas foram assim, repartidas nas três zonas que se seguem:

A. Zona H

| Zonas | Números | Línguas |
|----------|---------|----------|
| H | 10 a 16 | Kikongo |
| | 20 | kimbundu |

Nesta distribuição, a *Western Zone*, de acordo com Cope, ou a zona H, na repartição de Guthrie, é a mais importante para nós na medida em que o iwoyo integra a zona H, mais exactamente, na zona H16a e é uma língua cabindense.

B. Zona K

| | | |
|----------|----|--------|
| K | 10 | Cokwe |
| | 17 | Lucazi |
| | 13 | Mbunda |
| | 14 | Luvale |
| | 15 | Mbwela |

A. Zona R

| | | |
|----------|----|-------------------|
| R | 10 | Umbundu |
| | 13 | Olunyaneka-nkumbi |
| | 20 | Oxikwanyama |
| | 30 | Helelo |

d.- Sons vocálicos e consonânticos do iwoyo:

Para facilitar a compreensão da nossa exposição, apresentamos, de seguida, alguns dados essenciais relativos aos dados gramaticais das vogais, consoantes, e tons do iwoyo.

a) As vogais

São cinco, as vogais do iwoyo. À vogal central /a/ põem-se dois grupos de vogais, umas anteriores e outras posteriores. Podemos constatar que, ao contrário do que acontece com a língua portuguesa, o iwoyo não atesta semi-abertas ou semi-fechadas, nem vogais nasais. Os sons vocálicos podem ser visualizados no quadro que se segue:

| | Anterior | Central | Posterior |
|---------|----------|---------|-----------|
| 1º Grau | [i] | | [u] |
| 2º Grau | [ε] | | [ɔ] |
| 3º Grau | | [a] | |

a) As consoantes

Apresentamos, no quadro que se segue, as consoantes do iwoyo. Elas são um total de vinte e cinco, divididas em seis séries e quatro ordens, segundo uma oposição entre orais e nasais de um lado e entre semi-nasais e nasais, propriamente dito, de outro lado. As consoantes orais dividem-se a seu turno em contínuas e não-contínuas.

Exemplos:

| | | Bilabiaais | Lábio-dentais | Apica is | Alv. | Palat . | Vel. |
|-----------------|---------|------------|---------------|-------------|------|------------|------|
| Orais | surdas | [p] | [f] | [t] | [s] | [ʃ] | [k] |
| Não cont. | sonoras | [b] | [v] | [d] | [z] | [ʒ] | - |
| Semi- nasais | surdas | [mp] | [ɱf] | [nt] | [ns] | [nʃ] | [ŋk] |
| | sonoras | [mb] | [ɱv] | [nd] | [nz] | [nʒ] | [ŋg] |
| Nasais | | [m] | - | [n] | - | [ɲ] | - |
| Orais cont. | | [w] | - | [l] | - | [y] | - |

Apresentaremos, igualmente, dados ligados a fenómenos de harmonização sofridos pelas vogais, que são frequentes, no iwoyo. Elas resultam de uma assimilação que pode ser verificada quer ao nível do contacto directo entre as vogais, de uma assimilação à distância ou ainda de fenómenos de consonantização das vogais anteriores e/ou posteriores de primeiro grau de abertura /i-/ e /u-/. Estas vogais, quando seguidas de uma vogal anterior ou central, são representadas pelas semivogais homorgânicas /y-/ e /w-/: exemplos a), b) e d).

| | a | e | i | o | u |
|-------|------|------|------|------|------|
| /a/ + | [aa] | [εε] | [ii] | [ɔɔ] | [uu] |
| /e/ + | [ya] | [εε] | [ii] | [yɔ] | [yu] |
| /i/ + | [ya] | [yε] | [ii] | [yɔ] | [yu] |
| /o/ + | [wa] | [wε] | [wi] | [ɔɔ] | [uu] |
| /u/ + | [wa] | [wε] | [wi] | [ɔɔ] | [uu] |

Alguns exemplos de assimilação e de consonantização:

a) mù+óngò→móòngò "montanha"

b) bà+ìvì→bîvì "ladrões"

c) mù+ànà→mwánà "filho/a, criança"

d) mù+ìvì→mwívì ""ladrão"

e) mì+óngò→myóngò "montanhas"

No quadro da fala, a língua apresenta fenómenos de palatalização das consoantes velares, alveolares, quando precedidas pela vogal anterior /i/ e de neutralização da lateral, quando precedida por uma consoante nasal.

| | /k/ | /l/ | /N/ | /ng/ | /nk/ | /ns/ | /s/ | /z/ | /nz/ |
|-------------|-----|------|-----|-------|------|------|-----|-----|------|
| /(-)ì-/ + | [ç] | - | [ɲ] | - | [nç] | [ɲ] | [ʃ] | [ʒ] | [ɲʒ] |
| /zì (N)-/ + | - | [nd] | - | [ndʒ] | - | . | - | - | - |

Exemplos:

a) lì+sámbu → lísàmbu = "peixe seco" e realiza-se [líʃàmbù]

b) mà+sámbu → másàmbu = "peixes secos" e realiza-se [másàmbù]

c) zì+(N)+longa → zíndonga "pratos" e realiza-se [zíndɔŋgà]

Ao nível dos morfemas verbais, nota-se que a harmonia vocálica resulta de uma assimilação à distância. Com efeito, constata-se, nesta língua, que o morfema do passado é representado por dois morfemas diferentes, viabilizados pela alternância entre as vogais anteriores de primeiro e segundo graus de abertura, a saber /i/ e /e/. Vejamos os exemplos:

| | | |
|------------------------------------|------------|------------|
| - <u>bák</u> -a "acto de apanhar" | - bák+izi | "apanhou" |
| - <u>lind</u> -a "acto de saudar" | - línd+izi | "saudou" |
| - <u>kún</u> -a "acto de cultivar" | - kun+ízí | "cultivou" |

porém,

| | | |
|----------------------------------|------------|----------|
| - <u>yend</u> -a "acto de ir" | - yend+eze | "foi" |
| - <u>kót</u> -a "acto de entrar" | - kót+eze | "entrou" |
| - <u>vónd</u> -a "acto de matar" | - vónd+eze | "matou" |

3. Os tons

No que respeita aos tons, o iwoyo apresenta dois tipos. O tom alto, representado pelo acento agudo "´" e o tom baixo é representado pelo acento grave "`". Ao contrário do que acontece com os sons, os dois tons opõem-se ao nível supra-segmental ou prosódico, como se constata nos exemplos que se seguem:

a) mpíli "víbora"

mpìli "cesto"¹⁰

b) lìyìlù "nariz"

liyílù "céu"

c) nkámà "papa-formigas"

nkàmà "cem"

À semelhança do que acontece com os fonemas, o tonema admite alotones, cujo aparecimento é contextual, pelo que um tom baixo é representado, a um tempo por um alotone alto e/ou baixo.

a) Regras tonais

i. O tom do prefixo nominal é sempre baixo, nesta língua. No entanto, verifica-se um fenómeno de antecipação tonal porquanto, na formação dos constituintes sintácticos, o tom alto da base nominal tem tendência a deslocar-se para a esquerda. Em consequência, quando a sílaba inicial de uma base nominal tem um tom alto, este tom passa da base para o prefixo nominal.

¹⁰ Utilizado pelas mulheres da região do Mayombe, semelhante ao utilizado pelas camponesas na região de Catete.

Exemplos:

| Nominante | Base nominal | Nominal | |
|-----------|--------------|---------|------------------|
| a) cì- | -vú → | cívù | "ventre" |
| b) kù- | -tú → | kútù | "orelha" |
| c) lì- | -bá → | líbà | "palmeira" |
| d) mù- | -ánà → | mwánà | "filho, criança" |

2. O tom do prefixo verbal é igualmente baixo. Contudo, contrariamente ao que acontece com o prefixo nominal, o tom do prefixo verbal não muda, qualquer que seja o contexto em que se encontre.

Exemplos:

Cada um dos tons admite um alofone.

De acordo com vários investigadores sobre o kikongo, esta língua caracteriza-se pela existência, nela, de um alongamento vocálico, com função distintiva. Contudo, o facto de ter constatado que a sequência de duas vogais numa mesma sílaba só se verificava em posição mediana.

Por lado, uma análise atenta ao último quadro apresentado pode dar-nos uma ideia sobre o fenómeno de alongamento silábico nesta língua pois, como podemos notar, a assimilação da vogal breve do prefixo nominal à de idêntico timbre, da vogal breve, da primeira sílaba da base nominal, é a responsável pela presença de sílabas longas:

Exemplos:

a) mù+óngò→móòngò "montanha"

.....

b) bà+ánà→bàánà "filhos/as, crianças"¹¹

┌┐ ┌┐

c) bà+ìvì→bîvì "ladras/ladrões"

┌┐ ┌┐

4. - Alongamento vocálico versus alongamento silábico

Após a apresentação de dados geolinguísticos e culturais relativos à província de Cabinda, pensamos estarem criadas as condições para justificarmos a escolha do título do nosso trabalho.

Com efeito, perante as constatações feitas por muitos investigadores sobre a presença de alongamento vocálico, com função distintiva nas línguas kongo, este estudo sobre o iwoyo permite-nos avançar e defender que o fenómeno de alongamento vocálico, pelo menos no iwoyo, é contextual, por conseguinte, não fonémico. Como bem o demonstram os exemplos que a seguir apresentamos, essa oposição verifica-se apenas ao nível supra-segmental ou prosódico.

Vejamos os exemplos:

Foi-nos sim possível notar nesta língua uma oposição entre sílabas longas e sílabas breves. Contudo, ,

Para facilitar a análise desta problemática, vamos apresentar de novo, alguns dados para a sustentabilidade da nossa posição, pois ao longo do trabalho estiveram patentes elementos que reforçam a nossa posição.

Exemplos:

¹¹ Cf. Exemplo a), pag. 19

- a) $\underset{\square}{\text{m}}\underset{\square}{\text{ù}}+\underset{\square}{\text{ó}}\underset{\square}{\text{ng}}\underset{\square}{\text{ò}} \rightarrow \underset{\square}{\text{m}}\underset{\square}{\text{ó}}\underset{\square}{\text{ng}}\underset{\square}{\text{ò}}$ "montanha"
- b) $\underset{\square}{\text{b}}\underset{\square}{\text{à}}+\underset{\square}{\text{á}}\underset{\square}{\text{n}}\underset{\square}{\text{à}} \rightarrow \underset{\square}{\text{b}}\underset{\square}{\text{á}}\underset{\square}{\text{n}}\underset{\square}{\text{à}}$ "filhos/as, crianças"
- c) $\underset{\square}{\text{b}}\underset{\square}{\text{à}}+\underset{\square}{\text{í}}\underset{\square}{\text{v}}\underset{\square}{\text{i}} \rightarrow \underset{\square}{\text{b}}\underset{\square}{\text{î}}\underset{\square}{\text{v}}\underset{\square}{\text{i}}$ "ladras/ladrões"
- d) $\underset{\square}{\text{k}}\underset{\square}{\text{ù}}+\underset{\square}{\text{ó}}\underset{\square}{\text{k}}\underset{\square}{\text{ò}} \rightarrow \underset{\square}{\text{k}}\underset{\square}{\text{ó}}\underset{\square}{\text{k}}\underset{\square}{\text{ò}}$ "mão"

Nestes exemplos nota-se claramente, que a assimilação da vogal posterior de primeiro grau de abertura /-u-/, do prefixo nominal à vogal inicial da base nominal, criou as condições necessárias ao aparecimento das sílabas longas /**mó**ngò/, /bîvî/, /kóòkò/.

Exemplos mais flagrantes são-nos oferecidos por um grupo de verbos que têm, no início da base verbal, a semivogal contínua /y-/. Sempre que esta semivogal é precedida da vogal posterior do prefixo verbal, ela é realizada pela semivogal bilabial /w-/, como podemos notar nos exemplos que se seguem:

| pref. inf. | base verbal + vogal final | passado |
|------------|---------------------------------|--------------------|
| ku- | - yend+a ► kuwenda "acto de ir" | yend+eze ► yendeze |
| | - yiz+a ► kuwiza "acto de vir" | yiz+izi ► yizizi |
| | - yang+a ► kuwanga " | yang+izi ► yangizi |

Apresentaremos, igualmente, dados ligados a fenómenos de harmonização e de neutralização sofridos pelas vogais, que são frequentes, no iwoyo. Elas resultam de uma assimilação que pode ser verificada quer ao nível do contacto directo entre as vogais, de uma assimilação à distância ou ainda de fenómenos de consonantização das vogais anteriores e/ou posteriores, quando seguidas de uma vogal diferente.

A harmonização resultante de contacto directo entre as vogais são apresentadas no quadro abaixo:

| | a | e | i | o | u |
|-------|------|------|------|------|------|
| /a/ + | [aa] | [εε] | [ii] | [ɔɔ] | [uu] |
| /e/ + | [ya] | [εε] | [ii] | [yɔ] | [yu] |
| /i/ + | [ya] | [yε] | [ii] | [yɔ] | [yu] |
| /o/ + | [wa] | [wε] | [wi] | [ɔɔ] | [uu] |
| /u/ + | [wa] | [wε] | [wi] | [ɔɔ] | [uu] |

Alguns exemplos de assimilação:

c) mù+óngò→móongò "montanha"
└──────────┘

d) bà+ìvì→bîvì "ladrões" e) mî+óngò→myóngò "montanhas"
└──────────┘ └──────────┘

Exemplos de consonantização¹²:

a) mù+àná→mwánà "filho/a, criança"

b) mù+ìvì→mwívì "ladrão"

grelhar"

Mas, caso a semivogal /w-/ se encontre entre duas vogais posteriores, constata-se o fenómeno de neutralização, por ela estar precedida de uma vogal posterior. No entanto, como fica entre a vogal posterior do prefixo verbal e a vogal também posterior da sílaba inicial da base verbal, a semivogal bilabial cai, provocando um vazio consonântico, viabilizando o aparecimento de uma sílaba longa.

Analisemos os exemplos que se seguem:

| pref. inf. | Base verbal + vogal final | Passado |
|------------|------------------------------------|-------------------|
| ku- | - yót+a ► kuwota ► kóòtà "aquecer" | yót+eze ► yót-eze |
| | - yúw+a ► kuwuwa ► kùùwà "ouvir" | yúw+izi ► yuw-izi |

¹² As vogais anterior e posterior, de primeiro grau de abertura /i-/ e /u-/, quando seguidas de uma vogal anterior ou central, são representadas pelas semivogais homorgânicas /y-/ e /w-/: exemplos a), b) e d).

A existência na língua do verbo /kótà/ significando "acto de entrar", poderia levar-nos, num primeiro momento, a admitir que estamos perante um par minimal fonémico. Somente uma análise mais profunda torna clara a inexistência de oposição ao nível dos segmentos, entre /kótà/ "acto de entrar" e /kóòtà/ "acto de aquecer".

Outro exemplo importante é-nos fornecido, após uma análise atenta ao último quadro apresentado, que pode dar-nos uma ideia sobre o fenómeno de alongamento silábico nesta língua pois, como podemos verificar, a assimilação da vogal breve do prefixo nominal é de idêntico timbre à da vogal breve da primeira sílaba da base nominal, sendo a responsável pela presença de sílabas longas:

Exemplos:

a) mù+óngò→móòngò "montanha"

└──────────┘

b) bà+ánà→bàánà "filhos/as, crianças"¹³

└──────────┘

c) bà+ìvì→bîvì "ladras/ladrões"

└──────────┘

BIBLIOGRAFIA

1. Linguística geral

CREISSELS, Dennis / 1979

¹³ Cf. Exemplo a), pag. 19

Unités et catégories grammaticales. Réflexions sur les fondements d'une théorie générale des descriptions grammaticales. Grenoble, Université des Langues et Lettres de Grenoble, 209 p.

HAGEGE, Claude / 1982

La structure des langues, Paris, Presses Universitaires de France ("Que sais-je?", 2006), 128 p.

_____ / 1985

L'Hommes de paroles. Contribution linguistique aux sciences humaines, Paris, Fayard (Le temps des sciences), 314 p.

THOMAS, J. M. C., BOUQUIAUX, Luc et CLOAREC-HEISS, France / 1976

Initiation à la phonétique, Paris, Presses Universitaires de France, 249 p.

2. Linguística africana

COPE, A. T. / 1971

A consolidated classification of the bantu languages, in *African Studies*, vol. 30, Nº 3-4, Johannesburg, Witwatersrand University Press.

COUPZE, A. / 19780

Abregé de grammaire rwanda, Butare, INRS, 2 tomes, University Press, 91 p.

CREISSELS, Dennis / 1979

Description des langues négro-africaines et théorie syntaxique. Grenoble, ELLUG, 467 p.

DOKE Clement M., / 1943

The growth of comparative bantu philology, in *African Studies*, London, vol. 2, p. 41-64

_____ / 1955

Zulu syntaxe and idiom, London Longmans, Green & Co. VI, 234 p.

FORGES, Germaine / 1983

Phonologie et morphologie du kwezo, Musée royale de l'Afrique Centrale, Tervuren, 465 p;

GUTHRIE, Malcolm /1948

The classification of the bantu languages, London, Oxford University Press, 91 p;

_____ / 1971

The western bantu languages, in Thomas A. Seboek, *Current Trends in Linguistics*, Mouton, The Hague, POaris, p. 357-366

HAGEGE, Claude / 1970

La langue mbum de Nganha (Cameroum). Phonologie, grammaire. Paris, SELAF 2 VOL., 366 P;

HOUIS, Maurice / 1974 a)

La description des langues négro-africaines. 1 La description d'une langue, *in Afrique et Langage*, 2, 2ème semestre, Paris, p-5-65

_____ / 1974 b)

La description des langues négro-africaines. 1 La description d'une langue, *in Afrique et Langage*, 2, 2ème semestre, Paris, p-5-65

Universitaires de France ("Que sais-je?", 2006), 128 p.

3-4.iversité des Langues et Lettres maines Bibliothèque